3 1761 07043013 7

Pimentel, Alberto
Que joven Telemaco!
Poesia comica

PQ
9261
P46 Q4

QUE JOVEN TELEMACO!

POESIA COMICA

RECITADA, COM APPLAUSO, PELO ACTOR VALLE
DO THEATRO DO GYMNASIO, DE LISBOA, NO THEATRO
BAQUET, DO PORTO, NA NOITE DE
23 D'AGOSTO DE 1867

POR

ALBERTO PIMENTEL

PORTO:
TYP. DA LIVRARIA DE A. DE MORAES & PINTO
Rua do Almada n.º 171,

1868.

PQ
9261
P46Q4

A companhia de *Bufos madrilenos* tinha posto em scena—*O Joven Telemaco*, com grandes applausos, dias antes de chegarem ao Porto o Valle e o Silveira, do Gymnasio, no intuito de darem uma recita no *Baquet*. Encontrei o Valle no theatro, n'uma noite de ensaio da companhia hespanhola. N'essa occasião, pondo d'empenho a nossa amisade, emprasou-me a escrever-lhe uma parodia ao *Telemaco*, no espaço de vinte e quatro horas, que tanto apertava o tempo. O praso marcado, se não era bastante para meditar no trabalho, muito menos o era para que este tivesse, da minha parte, uma execução satisfatoria. Escreveu-se, porem, a coisa, defeituosa como vai, dentro das vinte e quatro horas.

São impressões d'um *ratão*, que se enthusiasma com o *Telemaco*, desordenadas, sem nexo, tumultuosas; nada mais.

Agradou a *coisa*, talvez, devido isso á occasião; ainda assim tenho que agradecer ao Valle o lustre que no desempenho lhe deu e ao publico a generosa benevolencia para comigo.

Foz do Douro, 27
setembro de 1867

Alberto Pimentel.

QUE JOVEN TELEMACO!

—

(Typo d'um homem de meia idade subjeito ainda ás travessuras de Cupido. Lenço na mão esquerda; bengala na mão direita. A scena representa um quarto de dormir. Ao lado uma cama. Algumas cadeiras. O actor entrando alvoroçado:)

Ai! meu Deus! venho perdido!
Talvez ignorem porquê?
Arrastou-me hoje o destino,
Sabem aonde? Ao Baquet!
Ai! Que bufos e que... bufos!
Elles! Ellas! Coisa assim!
Eu venho tão satisfeito,
Que não caibo dentro em mim!

Deu-se hoje—*El Joven Telemaco!*
Palavra: Aquillo é bem feito!

Telemaco é um *chiquito*,
Que gosta do seu cigarro
E que bebe o seu copito!
O Tutor é um velhote,
Constipado e com catarrho,
Que quer ensinar Telemaco
A fumar bem um cigarro!
Eu cá para mim entendo,

Que o Tutor perde o rapaz...
Mas elle não entende isto!
Deixal-os viver em paz
Por esse mundo de Christo!...
O certo é que n'um dia
Foram jantar ao *Rainha*
Na companhia da deusa
E de quantas aias tinha.
Começam a *dar aos dentes*
E as *nymphas* a ver aquillo!
Emquanto a deusa Calipso
Brinda o Tutor e o pupillo,
Para que se não perceba
Que elles estão *petiscando*,
Diz a deusa: «Olá, meninas,
«Façam favor d'ir cantando,
«Qualquer coisa... uma canção.»
E diz uma: O Sam João?
Responde a deusa agastada:
«Faça-se agora criança!
«Cantem aquella modinha,
«Que começa—*sobre a pança.*»

(A orchestra toca o côro da *suripanta*; o actor imita os tregeitos das coristas e conta:)

Sobre a pança, ai, sobre a pança (1)
Alcatruzes de Santarem.

(1) Como o author tinha de amoldar a letra á musica, já escripta, não pôde sustentar regularidade na metrificação d'este côro.

(Repetição.)

Olha o gato, olha o gato,
Ai que barbas que elle tem!

(Repetição.)

Quer assucar? Quer assucar?
Quer assucar de Sacavem?

(Repetição.)

Sobre a pança, ai, sobre a pança
Alcatruzes de Santarem.

(Repetição.)

Doe-me e doe-me e doe-me,
Doe-me e doe-me e doe-me,
Doe-me e doe-me e doe-me,
Doe-me a pança, ai, doe-me a pança,
Alcatruzes de Santarem.

Dizem ellas que isto é grego!
Mas que *pala!* E' Portuguez...
Pilhei a letra do côro,
Ouvindo-o só uma vez!

O Telemaco é prendado
E tem luzes de solfejo.
Calipso quer que elle cante
E elle annue ao desejo.
Trazem-lhe uma harpa sem cordas
E mesmo assim vai cantar!
Depois de tossir trez vezes
Dispõe-se a principiar.

E que linda voz que tem!
Como passou? Passou bem? (*Mettendo a cabeça na casa do ponto.*)
Este ponto é bem bom *ponto*! (*A' parte.*)
Desculpe. Não tinha visto.... (*Ao ponto.*)
Mas prosigamos no conto:

Já o rapaz tem cantado,
Quando o Tutor diz do lado:
«Mette a viola no sacco...
«Vou buscar a palmatoria...
«Quero dar-te uma lição,
«Que te fique de memoria...»

Volve o Telemaco: Não.
«Se trouxer a palmatoria,
«Heide fugir com a mão..
«Quer-me bater! Veja lá...
«Olhe que eu vou fazer queixa
«*A mi mamã, mi mamã.* (*Gritando.*)

Depois d'isto, cheia a pança,
Querem elles pôr-se ao fresco.
Mas a deusa recalcitra
E tentam pois enganal-a.
Não pegam porem as tretas!
Então Tutor vai á mala
E tira doze gazetas.

Consegue pois, n'um momento,
Distribuindo os jornaes,
Prender assim as coristas,

Que dão bastantes signaes
D'estarem de mau humor
E de soffrerem com custo
A lembrança do Tutor!

Lê cada uma a seu tempo.
Primeiro diz uma *chica*:
«Vai por-se á venda uma casa,
Que tem dentro agua de bica.»

Outra do lado: Ha trez dias,
No largo do Camarão,
Roubaram d'uma janella
Uma caçoula amarella,
Que tinha mangericão.»

E diz outra: O Zé da tenda
Annuncia aos seus freguezes,
Que, dentro de poucos mezes,
Receberá de Lamego
Sete arrobas de presunto
E que faz abatimento
A quem lh'o comprar por junto.»

E dá o somno nas *chicas*!
Eu fiquei estupefacto
Por ver que ellas tinham somno
No fim... do primeiro acto!

Então Tutor e Telemaco,
Vendo as nymphas a dormir,
Vão-se *safando* á sorrelfa!

Não ha tugir nem mugir!
No meio d'este silencio
Ouve-se o panno cahir.

Descera o panno e sahi.
Fui logo direito á caixa.
Já tinha passado o somno!
Andavam umas e outras
A conversar em voz baixa.

Talvez fallassem de mim...
Que duvida! Eu, na verdade,
Sou um perfeito alfenim...

Passa-se o segundo acto
Na taberna do Reimão.
Ulisses vem de palhoça
E guarda-chuva na mão.
E com voz roufenha e grossa
E com semblante inquieto
Pede á dona da locanda,
Que lhe traga *meio neto*.

Entre a roda dos freguezes
Passa por ser estrangeiro
D'algum selvagem paiz!
O homem gosta da pinga:
Enche o copo muitas vezes
E por ultimo declara
Que não tem uma de—x—!

N'isto a dona da locanda
Começa a gritar: Ui! niñas!

Venham-lhe dar uma *pola*...
Caloteiro! Mariola
Ui! Socorro! Aqui-d'elrei!»

E acodem as filhas todas
Vociferando mil nomes,
Que eu não digo, nem direi.

Entra na coisa Cupido,
Mas, por faltar um menino,
Tem a empresa resolvido
Ser Cupido femenino!

Entra Cupido na scena
E fére logo Telemaco
Com balazios de papel.
Traz espingarda de folha,
Comprada o anno passado
Na feira do S. Miguel.

Esquecia-me dizer-lhes,
—E na lembrança isto tinha!—
Que Telemaco e o Tutor
Foram presos na Biquinha,
Por os encontrarem ambos
A jogar a *vermelhinha*.

Ulisses gosta da pinga!
Tem este vicio somente,
Mas com tudo é um *bom serás*.
Choram-lhe os olhos bastante

E põe diante a palhoça,
Por causa da luz do gaz.

Caminha ás apalpadellas!
Julga-se então infeliz
Por ser um aventureiro,
Que não tem uma de—x—.
N'isto abalroa no filho
E começa a deitar sangue,
A jorros, pelo nariz.

E diz o filho! Ora esta!
«Senhor pae, tenha cautela,
«Fez-me um *gallo* aqui na testa!»

Isto, porem, tudo passa,
Mas a chalaça melhor,
E' que, com uma tal graça,
Que arrebata o espectador,
O Tutor no fim declara
Ser mulher e não Tutor!
(Tirando a coberta da cama e cobrindo-se com ella).

Dá um passeio na sala
Inda com ar de velhote.
Mas diz-nos por fim de contas
Uma coisa bem acerba!
Deixa cahir o capote
E vem pela scena abaixo, *(Deixando cahir a coberta)*
Dizendo com gesto grave:
«Yo soy la diosa da erva.

N'este instante é que são ellas!
Tudo lá dentro anda em brasa!
Corre na scena o boato
De que está chovendo muito
E chove dentro de casa.

Então o Tutor, de saias,
Trepa acima d'uma pipa.
Põe-se a olhar admirado.
A ver se acaso descobre
Um boraco no telhado.
Acaba pois a funcção
Com este inesp'rado caso
De inesp'rada admiração!

Mas ainda agora reparo,
Que estou feito *massador*
Discorrendo, ha meia hora,
A respeito do Tutor.
São horas de me deitar. (*Vendo o relogio.*)
Horas d'um *homem de bem...*
Meus senhores e senhoras
Estimo que passem bem...
(*O ponto chama.*)

Que diz? Falle alto. Não oiço!
Ah! Tem razão! Obrigado.
Diz que faltava uma coisa,
Que inda não tinha cantado.

Agradeço, reconheço,
Não mereço este favor. (*Ao ponto.*)

Se a coisa não sahir boa,
Desculpem, não sou cantor. (*A' platea.*)

(A orchestra toca o *mi gustam todas;* o actor começa a fazer movimentos com a bengala imitando a harpa.)

Mi gusta muito, (*cantando.*)
Mi gusta muito,
Mi gusta muito
D'arroz com prezunto.
Peros d'arruda,
Peros d'arruda,
Peros d'arruda,
Me fazem mal!

E acrescenta o actor Val'. (*A' parte.*)

Agora pedia palmas (*Cantando.*)
E pedi-os por favor.
Pois se eu me int'resso com isso,
Tambem se int'ressa o author. (*Repetição.*)
(*Cae o panno.*)

N. B. (Por inopportunidade de tempo, foi a parodia licenciada provisoriamente pelo dignissimo inspector dos theatros, no Porto.)

THEATRO DO MESMO AUCTOR

O Nariz, Poesia comica.
Vestidos curtos, Poesia comica.
Que Joven Telamaco, Poesia comica.

Preço 60 réis

PQ 9261 P46Q4

Pimentel, Alberto

Que joven Telemaco! Poesia comica

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 04 005 1